

O
HOMEM
SUSSURRO
Alex North

Tradução de
José Roberto O'Shea

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-85-01-11843-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Lynn e Zack

Jake.

Eu tenho tanta coisa para te dizer, mas a nossa conversa é sempre difícil, não é?

Então, prefiro escrever.

Eu me lembro do dia em que Rebecca e eu te trouxemos da maternidade para casa. Estava escuro e nevava, e eu nunca dirigi com tanto cuidado. Você estava com dois dias de vida, viajava afivelado numa cadeirinha de bebê no banco traseiro, Rebecca cochilava ao teu lado, e eu, de vez em quando, olhava pelo espelho retrovisor, para ver se você estava bem.

Sabe por quê? Eu estava *morrendo de medo*. Eu tinha crescido como filho único, sem a menor experiência com bebês, e lá estava eu — responsável pelo meu próprio neném. Você era tão pequenininho e vulnerável, e eu, tão despreparado, que pareceu um absurdo eles terem permitido que você deixasse o hospital sob meus cuidados. Desde o início, não nos adaptamos muito bem um ao outro. Rebecca te segurava com facilidade, com naturalidade, como se ela tivesse nascido de você, e não o contrário, enquanto eu sempre me sentia desconfortável, receoso por ter nos braços um peso frágil, e incapaz de saber o que você queria quando chorava. Eu não conseguia te entender, de jeito nenhum.

Isso nunca mudou.

Quando você ficou um pouco mais velho, Rebecca disse que era porque você e eu éramos muito parecidos, mas não sei se isso é verdade. Tomara que não seja. Eu desejaria algo melhor que isso para você.

Mas, seja como for, a gente não consegue conversar direito, o que significa que vou precisar escrever essa coisa toda. A verdade sobre tudo o que aconteceu em Featherbank.

O Senhor da Noite. O menino no chão. As borboletas. A menina com aquele vestido esquisito.

E o Homem-Sussurro, é claro.

Não vai ser fácil, e devo começar com um pedido de desculpas. Ao longo dos anos, eu te falei tantas vezes que não havia motivo para sentir medo. Que monstros não existiam.

Peço desculpas por ter mentido.

Sumário

Primeira Parte

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Segunda Parte

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Terceira Parte

Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco

Quarta Parte

Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois

Quinta Parte

Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um
Sessenta e dois
Sessenta e três
Sessenta e quatro
Sessenta e cinco
Sessenta e seis

Sexta Parte

Sessenta e sete
Sessenta e oito
Sessenta e nove
Setenta

PRIMEIRA PARTE

Julho

Um

O sequestro de uma criança por um estranho é o pior pesadelo de qualquer pai ou mãe. Mas, em termos estatísticos, trata-se de um evento bastante raro. Na realidade, as crianças correm mais risco de sofrer danos físicos e abuso por parte de algum integrante da família, dentro de casa, e, embora o mundo exterior possa parecer uma ameaça, a verdade é que a maioria dos desconhecidos é gente honesta, ao passo que o lar, muitas vezes, é o lugar mais perigoso de todos.

O homem que espreitava Neil Spencer, um menino de seis anos de idade, do outro lado do terreno baldio, sabia muito bem disso.

Avançando em silêncio, em paralelo à caminhada de Neil, por trás de uma fileira de arbustos, ele mantinha vigília constante sobre o garoto. Neil andava devagar, alheio ao perigo que corria. Às vezes, chutava o solo, e uma poeira esbranquiçada subia e cobria seus tênis. O homem, caminhando com muito mais cautela, ouvia cada chute. E não fazia o menor ruído.

O fim de tarde estava quente. O sol tinha castigado sem trégua quase o dia todo, mas já eram seis horas e o céu estava mais nebuloso. A temperatura havia caído e a atmosfera exibia uma tonalidade dourada. Era o tipo de fim de tarde propício para alguém se sentar num terraço, bebendo vinho branco gelado e contemplando o pôr do sol, sem pensar em ir buscar um casaco até que já estivesse escuro e tarde demais para fazer isso.

Até o terreno baldio estava bonito, banhado por uma luminosidade âmbar. Ele era um trecho coberto de arbustos, situado entre o limite da

pequena cidade de Featherbank e uma pedreira abandonada. O solo irregular era seco e estéril, embora tufo de arbustos crescessem aqui e ali, dando à área um certo aspecto de labirinto. As crianças do vilarejo costumavam brincar ali, mesmo que o local não fosse muito seguro. Ao longo dos anos, muitas crianças tinham cedido à tentação de descer pela pedreira, cujas laterais íngremes eram propensas a desmoronar. A prefeitura tinha construído cercas e pendurado placas, mas era consenso que mais do que isso precisava ser feito. Afinal, as crianças sempre achavam um meio de pular a cerca.

E tinham por hábito ignorar avisos em placas.

O homem sabia muito sobre Neil Spencer. Tinha estudado o menino e sua família detalhadamente, como um projeto acadêmico. O desempenho escolar do garoto era sofrível, tanto em termos de aprendizagem como de sociabilidade, e ele estava mais atrasado que os colegas em leitura, redação e matemática. A maioria das roupas que ele usava era de segunda mão. De uma maneira toda própria, ele parecia mais velho — já demonstrando raiva e rebeldia diante do mundo. Em poucos anos, seria visto como brigão e encenqueiro, mas, por enquanto, ainda era jovem o bastante para ser perdoado por sua conduta um tanto desregrada. “Ele não faz por mal”, diziam as pessoas. “Ele não tem culpa.” Ainda não chegara o momento de Neil ser considerado o único responsável por seus atos e, portanto, as pessoas fingiam não enxergar a situação.

O homem enxergava a situação. Era evidente.

Neil tinha passado o dia na casa do pai. Seus pais estavam separados, o que, para o homem, era algo positivo. O pai e a mãe do menino eram alcoólatras, com rotinas de vida irregulares. Cada um funcionava com mais facilidade quando o filho estava na casa do outro, e ambos achavam difícil interagir com ele. De modo geral, Neil tinha que se virar sozinho, fato que, evidentemente, ajudava a explicar a rebeldia que o homem já vislumbrava no garoto. Neil não era prioridade na vida dos pais. Com certeza não era amado.

Aquela noite não tinha sido a primeira vez que o pai de Neil estava

tão embriagado que não teve condições de levá-lo de carro até a casa da mãe, e, pelo jeito, a preguiça o impediu de acompanhar o filho a pé. O garoto estava com quase sete anos, foi o que o pai provavelmente pensou, e já havia passado o dia todo sozinho, sem problema nenhum. Portanto, Neil voltava para casa desacompanhado.

Ele não fazia ideia de que estava prestes a ir para uma casa que não era a sua. O homem pensou no quarto que havia preparado e tentou conter a empolgação que sentia.

No meio do terreno baldio, Neil parou.

O homem parou perto, e então espiou através das moitas, para ver o que havia atraído a atenção do garoto.

Um velho aparelho de TV fora descartado ao pé de um arbusto, com a tela verde e protuberante ainda intacta. O homem viu quando Neil cutucou o televisor com o pé, mas o aparelho era pesado demais e não se moveu. Para o menino, aquela coisa parecia algo vindo de outra era, com grades e botões ao lado da tela e uma protuberância do tamanho de um tambor na parte de trás. Havia pedras do outro lado da trilha. O homem observou, fascinado, quando Neil atravessou a trilha, pegou uma pedra e, com toda força, atirou-a no vidro.

Crac!

Um sonoro baque naquele local antes silencioso. O vidro não estourou, mas a pedra abriu um orifício estilhaçado nas bordas, como um tiro. Neil pegou uma segunda pedra e repetiu a ação, dessa vez errando o alvo, e então fez nova tentativa. Outro orifício surgiu na tela.

Ele parecia gostar da brincadeira.

E o homem entendia por quê. Aquela destruição gratuita em muito se assemelhava à crescente agressividade que o menino demonstrava na escola. Era uma tentativa de causar algum impacto em um mundo que parecia ignorar sua existência. Aquilo decorria do desejo de ser visto. Ser notado. Ser amado.

Aquilo era tudo o que qualquer criança desejava, no fundo.

O coração do homem, agora mais acelerado, doeu diante desse pensamento. Ele saiu silenciosamente do meio dos arbustos, por trás do

menino, e então sussurrou seu nome.

Dois

Neil. Neil. Neil.

O investigador de polícia Pete Willis avançava lentamente pelo terreno baldio, apurando os ouvidos, enquanto os policiais em volta chamavam sem parar o nome do menino desaparecido. Entre um chamado e outro, o silêncio era absoluto. Pete erguia os olhos, imaginando as palavras batendo asas pela escuridão lá em cima, desaparecendo no céu noturno exatamente como Neil Spencer desaparecera da face da Terra logo abaixo.

Ele varria com o facho da lanterna o solo poeirento, formando um desenho cônico, iluminando os próprios passos e buscando qualquer sinal do menino. Calça de agasalho e cueca azul, camisa de malha com estampa de Minecraft, tênis pretos, mochila no estilo daquelas de exército, garrafinha de água. O alerta havia chegado para ele ao se sentar para comer o jantar que tinha acabado de preparar, e a lembrança do prato sobre a mesa, agora intacto e esfriando, fazia seu estômago roncar.

Mas um menino havia sumido e precisava ser encontrado.

Os outros policiais estavam invisíveis na escuridão, mas Pete enxergava suas lanternas, enquanto eles vasculhavam a área. Pete consultou o relógio: 20:53. O dia chegava ao fim e, embora a tarde tivesse sido quente, a temperatura despencara nas últimas horas, e o ar frio lhe dava arrepios. Na pressa de sair de casa, havia esquecido o casaco, e sua camisa não oferecia muita proteção contra o clima. Seus ossos estavam velhos — afinal, ele tinha cinquenta e seis anos. Também não era o tipo de noite para uma criança ficar fora de casa. Ainda mais

estando perdida e sozinha. E, muito provavelmente, ferida.

Neil. Neil. Neil.

Pete se juntou ao coro: “Neil!”

Nada.

As primeiras quarenta e oito horas que se seguem a um desaparecimento são cruciais. O garoto foi considerado desaparecido às 19:39 daquela mesma noite, cerca de uma hora e meia depois de ter saído da casa do pai. Ele deveria ter chegado à casa da mãe por volta das 18:20, mas os pais não haviam combinado muito bem o horário da volta e, por isso, só quando a mãe de Neil finalmente telefonou para o ex-marido, a ausência do filho foi constatada. Quando, às 19:51, a polícia chegou ao local, as sombras estavam mais extensas e quase duas daquelas quarenta e oito horas iniciais já tinham sido desperdiçadas. Agora, quase três horas já haviam se passado.

Na grande maioria dos casos, Pete bem sabia, uma criança desaparecida era logo encontrada e devolvida em segurança à família. Os casos eram classificados de acordo com cinco categorias distintas: expulsão; fuga; acidente ou fatalidade; sequestro por pessoa da própria família; sequestro por pessoa desconhecida da família. Naquele momento, a lei das probabilidades sugeria a Pete que o desaparecimento de Neil Spencer teria sido causado por algum acidente e que o menino seria localizado em breve. Porém, quanto mais Pete avançava, mais seu instinto lhe dizia algo diferente. Uma sensação desagradável invadia seu coração. Embora fosse fato que crianças desaparecidas sempre provocavam nele aquele tipo de sentimento. Não queria dizer nada. Era apenas o resultado de lembranças ruins, de vinte anos antes, que afloravam e traziam junto aqueles maus presságios.

O facho da lanterna passou por cima de algo cinzento.

Pete parou, e então apontou o foco de luz para ele. Ao pé de um arbusto, havia uma velha televisão com a tela perfurada em diversos pontos, como se alguém a tivesse utilizado para a prática de tiro ao alvo. Ele fitou o aparelho por um instante.

— Achou alguma coisa?

Uma voz anônima gritou, vinda de um dos lados.

— Não — gritou ele de volta.

Pete chegou ao fim do terreno baldio ao mesmo tempo que os outros policiais, a busca tendo se mostrado inútil. Depois da escuridão que ficara para trás, ele achou um tanto incômoda a claridade esbranquiçada emitida pela iluminação urbana. Havia no ar um leve zumbido de vida, o que estava ausente no silêncio do terreno baldio.

Passados alguns instantes, sem ter algo melhor para fazer, ele deu meia-volta e retornou pelo mesmo caminho que viera.

Não sabia ao certo aonde ia, mas se pegou seguindo para um dos limites do terreno, em direção à velha pedreira que ladeava a margem. No escuro, o solo se tornava perigoso, então ele se dirigiu à luz das lanternas da equipe prestes a iniciar os trabalhos de busca junto à pedreira. Enquanto outros policiais avançavam pela margem, direcionando os fochos às encostas íngremes e chamando por Neil, os que estavam reunidos ali consultavam mapas e se preparavam para descer a trilha precária que conduzia à área abaixo. Alguns desses policiais ergueram o olhar quando ele se aproximou.

— Senhor? — Um deles o reconheceu. — Eu não sabia que o senhor estava de serviço hoje.

— Não estou. — Pete suspendeu o arame da cerca e passou por baixo para se juntar ao grupo, tomando mais cuidado que antes com seus passos. — Eu moro aqui perto.

— Sim, senhor. — O policial pareceu meio desconfiado.

Era raro um investigador de polícia aparecer em uma missão aparentemente corriqueira como aquela. A investigadora Amanda Beck estava coordenando os trabalhos remotamente, da delegacia, e aquela equipe de busca era composta, em sua maioria, por novatos. Pete sabia ter mais horas de trabalho nas costas que qualquer um ali, mas naquela noite queria apenas ser igual a qualquer um do grupo. Uma criança havia desaparecido, o que significava que uma criança precisava ser encontrada. Aquele policial talvez fosse jovem demais para se lembrar do que acontecera com Frank Carter duas décadas antes, e para entender por

que não era estranho encontrar Pete Willis de plantão naquelas circunstâncias.

— Cuidado, senhor. O solo aqui é meio instável.

— Está tudo bem comigo.

Pelo jeito, o policial era jovem o bastante também para considerá-lo velho. Aparentemente, nunca tinha visto Pete na sala de musculação da delegacia, local frequentado por ele todas as manhãs antes de pegar no batente. Apesar da diferença de idade, Pete seria capaz de apostar que levantaria mais peso do que o jovem policial, em todo e qualquer aparelho. Ele estava atento ao solo. Para Pete, prestar atenção em tudo — e em si mesmo — era como respirar.

— Ok, senhor, tudo bem, a gente já vai começar a descer. Só estamos coordenando a ação.

— Não estou no comando aqui. — Pete apontou a lanterna trilha abaixo, varrendo o solo irregular. O fecho de luz alcançava apenas uma pequena distância. O fundo da pedreira, lá embaixo, não passava de um enorme buraco negro. — Você deve satisfações à investigadora Beck, não a mim.

— Sim, senhor.

Pete continuou a olhar para baixo, pensando em Neil Spencer. Os caminhos mais prováveis que o garoto poderia ter seguido tinham sido identificados. As ruas tinham sido vasculhadas. A maioria dos amigos dele tinha sido contatada, tudo em vão. E nada havia no terreno baldio. Se o desaparecimento do menino tivesse resultado de algum tipo de acidente, a pedreira era o único local restante onde faria sentido ele ser encontrado.

Mas o mundo negro lá embaixo parecia vazio.

Ele não tinha como saber com certeza — não de modo racional. Mas seu instinto lhe dizia que Neil Spencer não seria localizado ali.

Que talvez não fosse localizado nunca mais.

Três

— Você lembra o que eu te falei? — perguntou a menina.

Ele lembrava, mas naquele momento Jake fazia o possível para ignorá-la. Todas as outras crianças do Clube 567 estavam lá fora brincando ao sol. Ele ouvia as gritarias delas e o ruído no asfalto da bola de futebol, que de vez em quando batia na lateral do prédio. Enquanto isso, ele se mantinha lá dentro, fazendo seu desenho. Bem que gostaria de ser deixado em paz para concluir o trabalho.

Não que ele não gostasse de brincar com a menina. É claro que gostava. Na maioria das vezes, era a única que queria brincar com ele, e em geral ele se sentia mais do que feliz em dar atenção para ela. Mas a menina não estava brincando direito naquela tarde. Na verdade, estava toda séria, e Jake não gostava nada daquilo.

— Você lembra?

— Acho que sim.

— Então, *diz*.

Ele suspirou, pôs o lápis na mesa e olhou para ela. Como sempre, ela usava um vestido de xadrez azul e branco, e ele viu a marca de arranhão em seu joelho direito, que parecia jamais cicatrizar. Enquanto as outras meninas mantinham o cabelo arrumado, cortado rente aos ombros ou preso em um rabo de cavalo, o cabelo daquela menina era jogado para um dos lados do rosto, dando a impressão de não ser escovado havia muito tempo.

Pela expressão em seu rosto, era óbvio que não pretendia desistir, então Jake repetiu o que ela havia ensinado a ele.

— Se a porta aberta você deixar...

Na verdade, o fato de ele ter se lembrado de tudo poderia ser considerado algo surpreendente, porque Jake não havia feito esforço nenhum para decorar as palavras. Mas, por algum motivo, elas ficaram gravadas em sua memória. Devia ser por causa do ritmo. Às vezes, ele ouvia uma música na CBBC e ela ficava tocando na sua cabeça por horas e horas. O pai chamava isso de música chiclete, e Jake imaginava os sons sendo mascarados em seu cérebro, fazendo bola e estourando.

Quando ele acabou de falar, a menina fez que sim com a cabeça, toda satisfeita. Jake voltou a pegar o lápis.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou ele.

— É um alerta. — Ela torceu o nariz. — Tipo... mais ou menos. As crianças recitavam isso quando eu era pequena.

— Tá, mas o que isso *quer dizer*?

— É só um bom conselho — respondeu ela. — Tem muita gente má no mundo, no fim das contas. Muita coisa ruim. Então, é bom lembrar.

Jake franziu a testa e recomeçou a desenhar. Gente má. Havia um menino um pouco mais velho, Carl, ali mesmo no Clube 567, que Jake considerava mau. Uma semana antes, Carl tinha encurralado Jake junto à parede enquanto Jake construía um forte de Lego, e quase encostou nele, cobrindo-o como se fosse uma sombra gigantesca.

— Por que teu pai vem sempre te pegar aqui? — perguntara Carl, embora já soubesse a resposta. — É porque a tua mãe morreu?

Jake nada respondera.

— Como ela estava quando você encontrou ela?

Novamente, silêncio. Afora em pesadelos, ele não pensava em como fora encontrar a mãe naquele dia. Pensar naquilo fazia sua respiração ficar estranha. Mas algo que ele não conseguia evitar era a constatação de que ela não estava mais ali.

Aquilo o fazia lembrar de algo que ocorrera muito tempo antes, quando ele espiara pela porta da cozinha e vira a mãe cortando ao meio um pimentão vermelho e retirando o miolo.

— Ei, lindão.

Foi isso que ela disse quando o viu. Ela sempre o chamava assim. O sentimento que ele tinha quando lembrava que ela estava morta produzia um som parecido com o do pimentão, como algo que racha e expõe um interior oco.

— Eu adoro te ver chorando igual um bebezinho — dissera Carl, e então se afastara, como se Jake sequer existisse.

Não era agradável pensar que o mundo estava cheio de gente daquele jeito, e Jake não queria acreditar que esse fosse o caso.

Agora desenhava círculos no papel. Campos de força em volta dos bonequinhos que batalhavam.

— Está tudo bem contigo, Jake?

Ele ergueu os olhos. Era Sharon, uma das funcionárias que trabalhavam no Clube 567. Ela estava lavando alguns objetos no outro extremo da sala, mas tinha se aproximado, e agora se inclinava sobre ele, as mãos entre os joelhos.

— Tá — disse ele.

— É um belo desenho.

— Ainda não acabei.

— O que vai ser?

Ele pensou em explicar a batalha do desenho — falar sobre os adversários, sobre as linhas que os separavam e sobre os riscos feitos em cima dos derrotados —, mas era complicado demais.

— Uma batalha, só isso.

— Você tem certeza de que não quer ir lá pra fora, brincar com as outras crianças? O dia está muito bonito.

— Não, obrigado.

— A gente ainda tem protetor solar. — Ela olhou ao seu redor. — Deve ter um chapéu por aí também.

— Eu preciso acabar o meu desenho.

Sharon esticou o corpo, respirando fundo, mas manteve um semblante afável. Ela estava preocupada com ele, e, embora não houvesse motivos para preocupação, ele gostou da reação dela. Jake sempre percebia quando alguém se importava com ele. O pai costumava se